

## Desafios e exigências de pensar uma ecologia integral no discurso da igreja

*Francisco Thallys Rodrigues*<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo do artigo é explicitar os desafios e as exigências de pensar uma ecologia integral no discurso da Igreja. Para tanto, a metodologia está centrada na análise da “novidade” que representa o paradigma ecológico no seio da Igreja, tomando por base o conceito de ecologia integral presente na encíclica *Laudato Si'* e as conclusões do Sínodo da Amazônia. Partindo da emergência do paradigma ecológico na modernidade líquida, procura-se mostrar a sua inserção na reflexão teológica, sobretudo, a partir das intuições da ecoteologia com destaque para sua releitura bíblica. Em seguida, mostra-se a inserção deste paradigma no discurso da Igreja, sobretudo, no magistério do Papa Francisco. Destacam-se as forças de renovação e abertura, bem como as forças de resistências e os desafios. Conclui-se que a Igreja tem um papel importante com sua voz e práxis profética no processo de mudança pela qual a sociedade deverá passar. Torna-se necessário criar processos de diálogo, escuta e formação que sejam capazes de superar as resistências, a fim de que uma nova teologia da criação seja gestada na vida dos batizados.

**Palavras-chave:** Ecologia integral. Criação. Sínodo da Amazônia.

### INTRODUÇÃO

A teologia, enquanto inteligência da fé cristã e a partir da fé, está a serviço da relação do crente com Deus e com o próximo numa comunidade de batizados. Reflete a fé contextualmente, na medida em que o sujeito da fé está situado histórica e socialmente. Essa reflexão extrapola o “ambiente religioso” corroborando ou contrapondo-se ao modo de viver em sociedade, isto é, tem uma dimensão social. Nesse processo, a crise humana e ambiental por qual tem passado a humanidade interessa e provoca a reflexão teológica.

As muitas propostas e alternativas ecológicas coexistentes obrigam a reflexão teológica e o magistério da Igreja a pensarem reflexivamente sobre os caminhos a seguir e sobre o papel do cristão neste mundo. Dito isso, o presente texto explicita num primeiro momento, as contradições que estruturam a sociedade atual, destacando os problemas decorrentes do paradigma antropocêntrico de caráter técnico-científico. Em seguida, mostra como o paradigma ecológico foi acolhido na reflexão teológica e no magistério da Igreja. Destaca a grande novidade representada pelo conceito de ecologia integral do Papa Francisco, sinalizando as resistências e tarefas a serem enfrentadas/assumidas pelos cristãos e pessoas de boa vontade.

<sup>1</sup> Mestrando em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Especialista em Sagradas Escrituras pelas Faculdades EST, bacharel em Teologia (FAJE) e em Filosofia (Faculdade Católica de Fortaleza). Bolsista CAPES. Email: thallysrodrigues10@gmail.com.

## 1 UM MUNDO EM CRISE

Nosso tempo caracteriza-se por uma situação paradoxal: o avanço da técnica, de um lado, e a desvalorização da pessoa e do planeta, de outro. Esta situação dramática questiona o modelo de sociedade moderna em que habitamos: marcadamente individualista, técnico-científica, tecnológica, urbanizada e consumista (JUNGES, 2001, p. 9). O modelo técnico-científico de desenvolvimento do último século acelerou o processo de transformações e mudanças em nossas sociedades. Num período curto as distâncias tornaram-se menores, ultrapassamos barreiras territoriais, geográficas, étnicas, culturais permitindo a gestação de uma humanidade de rápidos e múltiplos contatos, com bens e serviços jamais imaginados.

Nesse processo, a ideologia do progresso contínuo tem esgotado as reservas ambientais colocando o planeta numa situação dramática. Esta ideologia tem por bases modelos matemáticos mecanicistas que visam interesses humanos de domínio sobre o planeta, uma vez que este torna-se objeto, perdendo toda a dimensão de mistério que o envolve (ROQUE, 2001, p. 10). Pensa-se poder resolver todos os problemas desde o ponto de vista técnico-científico, mas muito pouco tem sido feito para reverter esta situação.

A pandemia da covid-19 trouxe à baila as contradições que estruturam nossa sociedade. Revelou a fragilidade de nossas instituições, serviços e organizações. Reforçou o entendimento da necessidade de superação do paradigma antropocêntrico que no último século tem sido dominado pelo avanço da técnica. Neste sentido, a crise civilizacional, experimentada tacitamente agora, arrasta-se há décadas sem que haja uma revisão séria e profunda das estruturas que sustentam nossa sociedade<sup>2</sup>.

Para Lynn White, o problema tem raízes mais profundas, encontra-se no tipo de religião na qual esteve mergulhado o Ocidente por quase dois milênios, de modo que a solução também passa pela dimensão religiosa. O cristianismo enfraqueceu o animismo pagão, esvaziando a natureza dos seus espíritos e, com isso, abriu a possibilidade para a indiferença diante da natureza e para a exploração, acabou por centrar-se demasiadamente na humanidade (JUNGES, 2001, p. 14). A prevalência do paradigma antropocêntrico via cristianismo ofereceu o instrumental necessário para o avanço desenfreado do ser humano a partir do mandato divino de crescer e dominar, bem como da desmitologização das religiões vizinhas.

Contraposto a essa explicação, Roque Junges assevera que as verdadeiras causas devem ser buscadas na crise que afeta a humanidade na modernidade, desde as revoluções europeias ao enorme desenvolvimento industrial (JUNGES, 2001, p. 16). O paradigma antropocêntrico associado ao desenvolvimento técnico gestou um tipo de relação jamais encontrada na história da humanidade: “Portanto, o problema não está no ser humano em si mesmo, mas numa certa concepção introduzida pela modernidade” (JUNGES, 2010, p. 79).

2      Manfredo Oliveira há vinte anos apontava os desafios éticos da globalização.

Nesse sentido, o paradigma ecológico<sup>3</sup> corrige e aperfeiçoa o antropocentrismo na medida em que mostra a relação do ser humano como habitante do Universo e percebe que sua origem está intimamente relacionada com a da terra. Também revisita a subjetividade moderna mostrando a interdependência que permite a existência humana, isto é, o ser humano não está sozinho no cosmo. Por fim, questiona o modo como o conhecimento tem sido elaborado ao rechaçar a afirmação que “saber é controlar e objetivar”, o reverso deveria ser o ideal: o ser humano deve ser capaz de entrar em comunhão com outros seres (cf. MURAD, 2016, p. 27-28).

O paradigma ecológico veio para superar o paradigma moderno da autonomia humana solipsista, da aventura de conquista e de domínio da natureza pela ciência e pela técnica, do uso desmedido e do desfrute imprudente dos recursos naturais, e, por fim, questionar a dicotomia entre o regime da natureza e o regime da sociedade, a perspectiva da ética procedimental e utilitarista (JUNGES, 2010, p. 75).

Para Leonardo Boff, a singularidade do paradigma ecológico<sup>4</sup> reside na sua transversalidade na medida em que é capaz de articular as experiências e conhecimentos passados, presentes e em vista do cuidado (futuro) (BOFF, 1996, p. 25). Exige-se, nesse sentido, uma ciência que seja mais holística capaz de perceber o conjunto de relações que permitem a existência da vida no planeta, ver as inter-relações que possibilitam os ecossistemas (cf. JUNGES, 2001, p. 11).

## 2 A EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE ECOLOGIA NA IGREJA

O paradigma ecológico, enquanto atitude fundamental e não formulada explicitamente, esteve presente na vida de grandes cristãos como Francisco de Assis, Hildegarda de Bingen e Teilhard de Chardin<sup>5</sup>. Entretanto, no plano teológico, o despertar ecológico teve início no fim do século passado na busca por gestar uma ética ecológica de base cristã<sup>6</sup>. A gênese desta

3 A ecologia como ciência autônoma emerge quando Ernst Haeckel, por volta de 1869, utiliza este termo numa publicação acadêmica. Passados mais ou menos cem anos, o movimento ecológico desponta como um ativismo social e político. No início, a ecologia surge como uma ciência de síntese de vários conhecimentos (história natural, geologia, biogeografia, etc.), voltada para a relação entre os seres vivos e o seu habitat. Na sequência, ela evolui para “a ciência que estuda as condições de existência dos seres vivos e todas as interações possíveis entre estes e o seu meio.” (MURAD, 2016, p.21).

4 Felix Guattari fala de três ecologias (GUATTARI, 1995).

5 Em Francisco de Assis encontramos a proposta de uma fraternidade universal que envolve todas as criaturas, em Hildegarda de Bingen deparamos-nos com uma visão holística e em Teilhard de Chardin uma cosmogênese que faz pensar no diálogo entre Criação e proposta ecológica (cf. MAÇANEIRO, 2011, p. 76).

6 Entre os autores que iniciaram esta empreitada pode-se citar: Bernhard Häring, Jurgen Moltmann, E. López Azpitarte, Hans Kung, Ioannis Zizioulas, Marciano Vidal e Leonardo Boff. Cf. HARING, Bernhard. *Livres e fieis em Cristo*. São Paulo: Paulus, 1984. v. III; MOLTSMANN, Jurgen. *Doutrina ecológica da criação*. Petrópolis: Vozes, 1983; KUNG, Hans. *Projeto de ética mundial*. São Paulo, 2001; VIDAL, Marciano. *Moral de atitudes*, Aparecida: Santuario, 1986. v. III; BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004; ZIZIOULAS, Ioannis. *A criação como eucaristia*. São Paulo: Editora Mundo e Missão, 2001.

nova reflexão dever ser buscada na releitura pelo qual a teologia cristã da Criação passou nas últimas décadas.

Retornando as sagradas escrituras, encontramos diversos textos que reportam a dimensão da relação do ser humano com a Criação, desde o Gênesis passando pelos Salmos, Escritos Sapienciais, Isaías, Evangelhos e Cartas Paulinas encontramos distintos modos de entender esta relação. Por conseguinte, a teologia cristã da Criação está perpassada por uma dimensão trinitária. O Pai cria tudo que existe através de sua Palavra, isto é, a partir do *dabar*, Verbo, e de seu Sopro, a *ruah* que é o Espírito Santo. Desde esta compreensão trinitária é possível dizer que a criação é dom e tarefa (cf. MAÇANEIRO, 2011, p. 72). A Criação é dom porque o Criador a oferece ao ser humano, mas também é tarefa em razão da confiança depositada na humanidade, para que este cultive e guarde toda a vida do planeta (cf. Gn 2,15).

Esta relação entre criatura e criador, no dom-tarefa que é a criação, pode ser entendida em chave de uma aliança e da entrega de uma responsabilidade ao ser humano para que utilize seu conhecimento e vontade na tarefa de cuidar e proteger a natureza. Portanto, nesta releitura dos textos sagrados, que tratam da criação, pode-se perceber que é o próprio Deus que confia no ser humano a responsabilidade de garantir a vida no planeta.

Sempre acontecem mal-entendidos quando passagens bíblicas são tiradas de seu contexto histórico-tradicional e usadas para legitimação de outros interesses. Por isso, temos que atentar para o relato javista da Criação: Gn 2,15 fala do “jardim do Éden” que os homens devem “cultivar e guardar”. O domínio da pessoa humana sobre a terra deveria, pois, corresponder à atividade de um jardineiro que cultiva e preserva. De modo algum se fala de cultura exaustiva e de exploração (MAÇANEIRO, 2011, p. 74).

A nova teologia da Criação foi desenvolvida com diferentes matizes por grande número de teólogos na busca por estabelecer princípios ético-cristãos capazes de responder aos problemas enfrentados pela humanidade na sua relação com o cosmo. Por sua vez, no magistério da Igreja este processo ocorreu de modo mais lento e graduou conforme explicitaremos de modo breve a partir das análises de Agenor Brighenti. A intenção deste trabalho é chegar à “novidade” que representa o discurso do Papa Francisco.

Brighenti analisou a evolução do conceito de ecologia no ensino social da Igreja a partir da encíclica *Rerum Novarum* (1891) até à *Laudato Si*. Segundo o autor, nos documentos magisteriais que compreendem desde a *Rerum Novarum* até *Mater et Magistra* (1961), “a relação do ser humano com a natureza se dá dentro do marco de uma teologia da Criação” (BRIGHENTI, 2016, p. 55), que pensa o ser humano como criado à imagem de Deus e encarregado de dominar e usar todas as coisas a fim de glorificá-Lo. Ora, a encíclica *Mater et Magistra* representa o início de uma mudança na medida em que chama atenção para a função social da posse dos bens para além do aspecto pessoal, dos povos e nações. Recorda que estes bens devem estar a serviço da vida digna para todos os seres humanos.

Por sua vez, na encíclica *Pacem in Terris* (1963) e na constituição *Gaudium et Spes* (1965) do Concílio Vaticano II temos o início de uma ecologia ambiental que recebe maiores contornos no magistério social do Papa Paulo VI na *Populorum Progressio* (1967) e na *Octogesima Adveniens* (1971). “Toma-se consciência das relações intrínsecas entre ser humano e ambiente, que não é apenas meio, mas espaço onde se dá e do qual depende a vida humana, dado que há uma ordem, que, se rompida, põe em risco a vida humana e seus ecossistemas” (BRIGHENTI, 2016, p. 56).

Nos magistérios dos papas João Paulo II e Bento XVI amplia-se o entendimento da problemática a partir da compreensão de uma ecologia humana. João Paulo II aborda esta questão na *Laborem Exercens* (1981), *Sollicitudo Rei Socialis* (1987) e *Centesimus Annus* (1991), destacando: a ação de domínio humano deve ser reflexo da ação do próprio Criador; o desenvolvimento deve estar condicionado às possibilidades de renovação dos recursos naturais; a degradação ambiental está ligada à degradação humana; o imperativo é de respeito e cuidado pela Criação. Na encíclica *Caritas in Veritate* (2009), Bento XVI apresenta o fundamento teológico de uma ecologia humana a partir da relação entre criatura e Criador.

No processo de renovação da Igreja proposto pelo Papa Francisco, sobretudo, a partir do caminho sinodal iniciado ao longo dos últimos anos, o pontífice tem contribuído para a reflexão ecológica a partir do conceito de ecologia integral, presente na encíclica *Laudato Si'*, e da insistência no cuidado com os povos amazônicos, manifesto na exortação apostólica pós-sinodal *Querida Amazônia*.

A ecologia integral, proposta pelo pontífice, suprassume as concepções desenvolvidas anteriormente por seus predecessores, ao mesmo tempo em que amplia o debate para os âmbitos social, cultural, espiritual, ambiental e da vida cotidiana (LS 147-148). Leonardo Boff destaca o fato de a encíclica ser integral e não verde, isto é, a proposta do sucessor de Pedro não se limita a uma reflexão sobre a natureza, mas envolve toda a vida conhecida no planeta (cf. BOFF, 2016). Ela questiona as relações vividas no conjunto da sociedade e seus modelos de desenvolvimento na medida em que recorda que tudo está interligado numa enorme trama (LS 138). Vive-se numa única crise com distintos níveis que exigem soluções integrais a fim de resolver o problema da pobreza, dos excluídos e do descuido com a natureza (LS 139).

A economia globalizada danifica despidoradamente a riqueza humana, social e cultural. A desintegração das famílias, que resulta das migrações forçadas, afeta a transmissão dos valores, porque ‘a família é, e sempre foi, a instituição social que mais contribuiu para manter vivias as nossas culturas (QA 39).

É preciso uma ecologia ambiental que favoreça a consciência de que na base de nossa existência está um conjunto de ecossistemas que “intervêm na retenção do anidrido carbônico, na purificação da água, na contraposição a doenças e pragas, na composição do solo, na decomposição dos resíduos, e muitíssimos outros serviços que esquecemos ou ignoramos.” (LS 140). Ao lado desta ecologia ambiental está uma ecologia econômica que inclui a proteção

ao meio ambiente e ao ser humano numa visão integral e integradora. Não se pode desconsiderar as relações entre as famílias, os espaços urbanos e os contextos familiares (cf. LS 141).

O Papa denuncia as várias formas de exploração que não se restringem à destruição ambiental, mas também a destruição da vida humana, da cultura. Tanto a degradação de uma cultura por meio de imposições de estilos de vida como intervenções nos ecossistemas são nocivas à vida (LS 145). Recorda a experiência dos aborígenes para quem a terra é um dom sagrado a ser cuidado, onde repousam seus antepassados, ela não é para ser explorada. São eles os que melhor cuidam da terra (LS 146). Por isso torna-se necessário uma ecologia cultural capaz de uma integração e aprendizado com os povos amazônicos.

Aprendendo com os povos nativos, podemos contemplar a Amazônia, e não apenas analisá-la, para reconhecer esse precioso mistério que nos supera; podemos amá-la, e não apenas usá-la, para que o amor desperte um interesse profundo e sincero; mais ainda, podemos sentir-nos intimamente unidos a ela, e não só defendê-la. (QA, 55).

Prosseguindo sua reflexão, o papa assevera que o verdadeiro avanço da sociedade ocorre quando se desenvolve uma ecologia da vida cotidiana que leva em consideração: as relações humanas com sentimento de pertença experimentado em pequenas comunidades (cf. LS 148); O cuidado com a vida humana e ambiental na edificação de prédios e moradias, sobretudo, na dimensão acolhedora destes espaços (cf. LS 151-152); a qualidade dos transportes, especialmente públicos (cf. LS 153); o respeito aos direitos dos trabalhadores também das áreas rurais (cf. LS 154); o cuidado com o corpo como dom de Deus, e, conseqüentemente o cuidado com toda a criação (cf. LS 155).

O conceito de ecologia integral convoca as diferentes vozes, ciências e saberes para refletir sobre o futuro da humanidade e do planeta. Envolve ao mesmo tempo o “grito da terra” e o “grito dos pobres” enfatizando a necessidade do cuidado com o bem comum e atitudes de solidariedade que têm por base a “opção preferencial pelos mais pobres” (LS 158). O modo como Francisco expõe os problemas e a necessidade de refletir no conjunto dos saberes revela um que fazer teológico despretensioso, enquanto não se outorga a última palavra. Ao mesmo tempo, tem por horizonte os mais desfavorecidos desde mundo tal como foi a opção de Jesus.

### 3 DESAFIOS E EXIGÊNCIAS DA ECOLOGIA INTEGRAL NO AMBIENTE ECLESIAL

O papa Francisco tem sido um raio de esperança num contexto de tantas adversidades. A partir do evangelho, ele convida a uma revisão da tradição eclesial e das estruturas criadas ao longo do tempo num processo de atualização do Concílio Vaticano II. Entretanto, persistem muitos desafios para uma reflexão teológica integral, como propõe o Papa Francisco, no discurso da Igreja. Pode-se elencar alguns destes:

*Visão suspeita em relação a contribuição das ciências sociais na reflexão teológica.* Persiste, em muitos espaços eclesiais, uma pretensa superioridade do saber teológico sobre os outros saberes, bem como o receio da incorporação dos instrumentos das ciências sociais na análise da sociedade na reflexão teológica<sup>7</sup>. Tal atitude impede a possibilidade um diálogo amplo e sincero que considere a vida no planeta a partir de diferentes perspectivas.

*Tendência jurista-técnica na sociedade e no espaço religioso,* segundo a qual, diante dos graves problemas enfrentados, corre-se o risco de buscar a solução somente em leis governamentais ou internacionais (cf. JUNGES, 2010, p.98). Leis que prometem garantir a proteção dos ecossistemas e do ser humano, mas que não procuram reformular o *ethos* cultural de destruição-dominância para um novo *ethos* que tenha por base o paradigma ecológico integral. Como desdobramento pode-se também buscar soluções puramente técnicas que não exijam envolvimento e engajamento das pessoas<sup>8</sup>, mas sejam aparentemente resolvidas com a tecnologia.

*Teorias teológicas alheias à realidade do mundo e seus problemas.* Juan Luis Segundo (cf. SEGUNDO, 1978, p. 112) já alertara para o caráter ideológico presente em qualquer reflexão, mesmo em âmbito teológico. Enquanto Ignacio Ellacuría já mostrara que toda teologia tem um “para que e para quem”, isto é, a reflexão tem uma incidência num determinado modo de agir e compreender o mundo (cf. AQUINO JUNIOR, 2017, p. 108).

*Crescente tradicionalismo e fundamentalismo.* Apesar de serem tendências distintas, ambas as correntes prometem oferecer segurança, controle, justiça e certezas numa sociedade marcada pela volatilidade das relações e o desmanchar de instituições e estruturas. Viver uma “Igreja em saída”, como proposta pelo Papa Francisco, é arriscar-se demais, pois significa colocar-se nas inseguranças de ser discípulo de Jesus que está na barca em meio às tempestades enquanto o Senhor dorme.

*Clericalismo.* Na contramão ao processo de renovação da teologia do povo de Deus do Concílio Vaticano II, tem crescido nos ambientes eclesiais o clericalismo expresso no uso do “poder” por ministros ordenados que, em total desacordo com a teologia dos ministérios, colocam o sacramento do batismo a serviço do sacramento da ordem. Gonzalez Faus acenou para as raízes e riscos desta posição (cf. GONZÁLEZ FAUS, 2025, p. 134). O clericalismo impede o desenvolvimento de uma Igreja sinodal que procura caminhar na escuta de todos os batizados. No fundo o clericalismo que fecha a possibilidade da sinodalidade manifesta a ausência de uma seria pneumatologia, isto é, no fundo não se acredita na atuação do Espírito a partir de baixo. “O mesmo Espírito que atuou na vida de Jesus atua hoje nos cristãos (LG, 7), a saber, o Espírito de Cristo ressuscitado, para plasmar neles uma existência semelhante à de Cristo (Fl 3,11s), constituindo-os assim filhos de Deus.” (MIRANDA, 2018, p. 29).

7 Sobre a complexa relação entre ciências sociais e teologia pode ler o capítulo 6 da obra de AQUINO JUNIOR, Francisco. *O caráter prático-social da teologia: Tópicos fundamentais de epistemologia teológica*. São Paulo: Loyola, 2017.

8 Sobre a situação de desengajamento nas relações pessoais e sociais pode-se ver as inúmeras obras de Zygmunt Bauman.

O papa insiste na participação ativa de todos os fiéis na Igreja em razão do Batismo (EG 102), sobretudo na contribuição importante das mulheres para a comunidade eclesial (EG 103). Insiste também no potencial evangelizador dos pobres, cuja piedade autêntica se expressa mais ‘pela via simbólica’ (EG 124), ‘manifestação de uma vida teologal animada pela ação do Espírito Santo’ (EG 125), constituindo mesmo um lugar teológico (EG 126) desde que abordado ‘com o olhar do Bom Pastor’ (EG 125). Portanto, considera os pobres como protagonistas importantes para a sinodalidade da Igreja. (MIRANDA, 2018, p. 45).

*Catequese distante da vida concreta dos fiéis.* Nossa catequese está longe de ser bíblica e de refletir sobre a vida concreta dos fiéis. Continuamos a insistir em práticas devocionais avassaladoras que atingem inúmeros fiéis, mas que se encontram distante de uma verdadeira prática transformadora. Nesta mesma perspectiva, assusta o conhecimento superficial e ingênuo da ecologia por parte dos clérigos e religiosos que são incapazes de fazer uma leitura crítica e relacional do mundo.

Diante desses desafios, impõe-se a necessidade de uma profunda renovação no interior da Igreja a fim de que ela seja cada vez mais fiel à sua vocação de ser sinal do Reinado de Deus, a dimensão profética. O papa Francisco já tem indicado um dos espaços de renovação: o caminho sinodal. Além disso, é preciso fomentar em todos os batizados o *ethos* cultural capaz... Neste sentido, todos os batizados são convidados, a partir do evangelho, a colaborar desde seu lugar, para o processo de renovação eclesial.

Portanto, apresenta-se como necessário a formação de um *ethos* cultural capaz de incutir atitudes interiores que tenha por base uma ética ecológica que se revela como uma ética da virtude (cf. JUNGES, 2010, p. 95). Esse processo só pode acontecer se houver um clima cultural de sensibilidade para com o conjunto da vida, um processo educativo que favoreça e facilite o olhar para esse conjunto e um diálogo mútuo entre os diferentes saberes.

## CONCLUSÃO

A situação na qual está mergulhado o planeta, e, por consequência, a humanidade é dramática. O desenvolvimento técnico-científico não tornou as relações mais humanas e fraternas, não resolveu os problemas da fome e da desigualdade. A Igreja, enquanto inserida, nessa humanidade não pode ficar impassível diante dessa situação, sua voz e práxis profética tem de ser manifesta, pois faz parte da fidelidade à sua vocação original.

Entretanto, muitos desafios se colocam para que o discurso da Igreja assuma uma posição mais contundente: “soberba teológica”, teorias teológicas de manutenção da sociedade, tradicionalismo e fundamentalismo, tendência jurídicista-técnica e catequese defasada. O desafio consiste em fomentar processos de renovação que permitam o cultivo do diálogo e

da escuta, bem como a abertura para reflexão com os diferentes saberes na busca por criar caminhos de cooperação mútua. Insistir numa teologia do povo de Deus capaz de despertar todos os batizados para a sua missão e gerar uma ética cristã coerente.

## REFERÊNCIAS

AQUINO JUNIOR, Francisco. *O caráter prático-social da teologia: Tópicos fundamentais de epistemologia teológica*. São Paulo: Loyola, 2017.

\_\_\_\_\_. *Renovar toda a Igreja no Evangelho: desafios e perspectivas para a conversão pastoral na Igreja*. Aparecida: Santuário, 2019.

\_\_\_\_\_. Fé cristã e superação da crise ecológica – abordagem teológica. In: MURAD, A.; TAVARES, S. (orgs.). *Cuidar da Casa comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'*. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 24-39.

BOFF, Leonardo. *Grito da terra, grito dos pobres: Dignidade e direitos da Mãe Terra*. Petrópolis: Vozes, 2015.

\_\_\_\_\_. A encíclica do Papa Francisco não é “verde”, é integral. In: MURAD, A.; TAVARES, S. (orgs.). *Cuidar da Casa comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'*. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 15-23.

BRIGHENTI, Agenor. A evolução do conceito de ecologia no Ensino Social da Igreja – Da *Rerum Novarum* à *Laudato Si'*. In: MURAD, A.; TAVARES, S. (orgs.). *Cuidar da Casa comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'*. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 52-64.

FRANCISCO. *Laudato Si': Louvado sejas – Sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2015.

\_\_\_\_\_. *Querida Amazônia: Exortação apostólica pós-sinodal*. São Paulo: Paulinas, 2020.

GONZÁLEZ FAUS, José Ignacio. *As 10 heresias do catolicismo atual*. Petrópolis: Vozes, 2015.

GUATTARI, Felix. *As três ecologias*. 21ª. ed. Campinas: Papirus, 2012.

JUNGES, José Roque. *Ecologia e criação: Resposta cristã à crise ambiental*. São Paulo: Loyola, 2001.

\_\_\_\_\_. *Ética ambiental*. São Leopoldo: Unisinos, 2010.

LODOÑO, A.; GARCIA, L.G.E. Perspectiva a partir da Bíblia. In: MURAD, Afonso (org.). *Ecoteologia: um mosaico*. São Paulo: Paulus, 2016, p. 137-165.

MAÇANEIRO, Marcial. *Religiões & ecologia: cosmovisão, valores, tarefas*. São Paulo: Paulinas, 2011.

MIRANDA, Mário de França. *Igreja Sinodal*. São Paulo: Paulinas, 2018.

MOLTMANN, Jurgen. *Doutrina ecológica da criação*. Petrópolis: Vozes, 1993.

MURAD, Afonso. Ecologia, consciência planetária e bem viver. In: MURAD, Afonso (org.). *Ecoteologia: um mosaico*. São Paulo: Paulus, 2016, p.17-61.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Desafios éticos da globalização*. 3ª. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

SEGUNDO, Juan Luis. *Libertação da Teologia*. São Paulo: Loyola, 1978.